

15ª CONVENÇÃO DOS CONTABILISTAS DO PARANÁ

ÁREA TEMÁTICA: RESPONSABILIDADE SOCIAL

TÍTULO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DO CONTABILISTA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL NA ERA DIGITAL

RESUMO

A pesquisa busca analisar a atuação do contabilista quanto à responsabilidade social na era digital. Inicialmente faz-se um levantamento histórico da presença do profissional em questão, buscando ressaltar a relação entre a atividade desenvolvida e os reflexos com a área social, na tentativa de evidenciar a dinâmica ali presente. No transcorrer do tema busca-se tornar clara a responsabilidade social presente no trabalho profissional do contabilista, deixando evidente que o produto de seu trabalho interfere socialmente, assim como o próprio meio possui influência sobre aquele, tendo condições de contribuir para o crescimento e desenvolvimento racional, ponderado e equilibrado da empresa vista sob o aspecto de sistema, como retratado por Catelli. Por fim, revela a postura coerente de atuação do contabilista em meio à era digital, a qual se tornou uma realidade ao mundo e a Contabilidade.

Palavras-chave: contabilista, responsabilidade social, ambiental e a era digital.

1 INTRODUÇÃO

O contabilista, como profissional, encontra-se diante de uma realidade cada dia mais exigente e desafiadora. Trata-se dos desafios impostos pela própria evolução tecnológica e o avanço científico.

No presente trabalho serão apresentados os principais entraves presentes na relação entre o contabilista e a responsabilidade social na era digital. O caminho a ser percorrido trilha pela história da humanidade, com destaque a Antiguidade, Idade Média, Renascimento, Períodos Moderno, Contemporâneo e Pós Contemporâneo, avaliando a atuação do referido profissional, buscando traçar uma análise crítica da relação contabilista e responsabilidade social, especialmente com o advento da era digital.

Ancorado na visão sistêmica de empresa, onde esta se encontra imersa em um universo de relações que a tornam como que única, pela sua própria especificidade e formação, onde uma vez que ela ao mesmo tempo em que interfere sobre o meio também sofre a constante influência deste. Nesta dinâmica serão apresentados os principais desafios inerentes à atividade do contabilista nesta ação dialética e em constante construção.

Ainda por último buscar-se-á delimitar os principais obstáculos a serem vencidos pelo contabilista, diante da difícil tarefa de apresentar de forma coerente à situação patrimonial compreendendo os aspectos sócio-ambientais no sentido de respaldar a sociedade a questão da responsabilidade social desse profissional.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

O desenfreado avanço tecnológico provocado pela rápida evolução do conhecimento humano trouxe ao mundo novas situações e novas realidades. O que antes levava anos, décadas para se tornar uma realidade, hoje se torna possível de forma muito rápida. Vive-se na atualidade o mundo instantâneo, onde quase tudo se torna possível na hora.

A rapidez das mudanças trouxe consigo contradições e desafios a serem vencidos e superados em todas as áreas do conhecimento. No aspecto contábil, onde o profissional desta área tem como foco de trabalho o patrimônio e suas mutações, exigem do contabilista, a superação da dicotomia criada entre a velocidade dos fatos patrimoniais e as mazelas e contradições geradas nesta trajetória. Assim, a figura do profissional da contabilidade passou a ter uma dose maior de responsabilidade, especialmente quanto à questão social.

É preciso que o profissional da área em estudo tenha condições para tornar-se um agente ativo no processo de geração do patrimônio, atuando como solidário e responsável pela forma como o patrimônio é gerado. No aspecto social é preciso que a contabilidade

demonstre através dos mecanismos disponíveis para tal fim, como se dá a relação empresa e sociedade.

Diante do exposto postula-se sobre **qual a responsabilidade social do contabilista na era digital?**

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Demonstrar qual a responsabilidade social do contabilista no processo de geração do patrimônio no complexo sistema chamado empresa na era digital.

3.2 Objetivos Específicos

Percorrer através da literatura e exploração bibliográfica os passos do contabilista na história da humanidade, buscando destacar sua relação e compromisso com a questão da sociedade como um todo;

Deixar claro qual o papel e responsabilidade social do profissional da contabilidade na era digital.

4 JUSTIFICATIVA

A abertura dos mercados internacionais, o crescimento das empresas e o avanço da tecnologia nas últimas décadas tornaram a tarefa do contabilista um desafio a ser vencido. A complexidade do sistema empresa vista dentro das múltiplas relações tanto endógenas quanto exógenas, criou um enorme obstáculo à atividade do profissional da contabilidade. Percebe-se que o crescimento a qualquer custo das empresas, em um atropelo gerado pelo progresso individual, deixa as relações sociais e ambientais, em muitos casos, seriamente comprometidas.

Diante do exposto é necessário avaliar a real tarefa do contabilista no processo como um todo. Postula-se pela ação do profissional em análise muito além das fronteiras geográficas da empresa. É preciso avaliar como se dá à relação do patrimônio com o entorno. Assim, justifica-se o presente trabalho de pesquisa.

5 MARCO TEÓRICO

5.1 A era digital

A caminhada à era digital remonta de longa data, através da evolução do conhecimento, especialmente com o fracionamento do saber no final da Idade Média com o início do Renascimento. Porém, só recentemente na década de 50 foram desenvolvidos os primeiros computadores. Eram máquinas pesadas e incipientes que chegavam a ocupar grande espaço, e, por outro lado, sua capacidade de processamento era muito limitada, quando comparado ao que está disponível na atualidade.

Em 1970 surgiram os primeiros computadores portáteis, embora ainda pesados representava um grande avanço à migração da era do papel à era digital. Anos depois no início da década de 80 foram efetivamente lançados de maneira comercial os micro computadores. A venda em grande escala proporciona a criação da Internet em 1990. Desta data em diante a evolução se dá de maneira espantosa e assustadora, especialmente pela velocidade dos avanços tecnológicos.

As mudanças provocadas pela tecnologia digital trouxeram consigo diversas contradições, eliminando postos de trabalhos, acrescentando e abrindo outros, mudando hábitos de toda espécie. Por outro lado a tecnologia aproxima distâncias e deixa o mundo ao toque de um computador.

As inovações não param de acontecer, e, hoje se planeja a informatização em grande escala de tudo que está disponível ao ser humano. No Brasil, segundo o IBOPE/NetRatings (2009, *on-line*) “no mês de Maio de 2009 existiam 34,5 milhões de usuários que acessaram a Internet na residência ou no local de trabalho”. Em nível mundial, segundo estudo realizado pela empresa Conscore Networks existiam em 2007 cerca de 747 milhões de pessoas com mais de 15 anos que eram usuários da rede de computadores. Os dados citados modificam-se com tanta velocidade e que ao serem divulgados já se encontram defasados e obsoletos.

As alterações introduzidas pela era digital afetaram sobremaneira a vida das pessoas. Hoje seguramente vive-se a sociedade da informação e porque não dizer do conhecimento. O trabalho mecânico e repetitivo está cada vez mais restrito as pequenas áreas onde por enquanto a tecnologia não tomou conta. O que mais importa é dizer que na área tecnológica tudo, ou quase tudo, mudou nos últimos vinte e cinco anos, e culminou assim, com a revolução tecnológica digital. É preciso reaprender a pensar, consumir, produzir, negociar, viver, administrar e especialmente ao caso em questão: contabilizar.

A globalização resultou em um enorme salto tecnológico e trouxe consigo a informação digital. Assim para sobreviver neste novo mercado é preciso pensar e agir rápido, pois tudo se encontra em constante evolução. Aqui se percebe que a sociedade de modo geral não conseguiu acompanhar a rapidez das mudanças. É preciso uma

redistribuição de atividades buscando garantir o equilíbrio que é tão salutar em uma sociedade.

Na contabilidade se está fazendo a passagem do conteúdo impresso para o conteúdo digital. Os livros impressos, obrigatórios por lei, agora passam a ser gravados em mídias digitais que em tudo facilitam o objetivo fim. Esta realidade provocou mudanças substanciais nos trabalhos realizados pelos profissionais da contabilidade. Thomé afirma que:

se pudéssemos voltar ao passado, 30 a 35 anos atrás, iríamos encontrar empresas prestadoras de serviços contábeis – aquelas dedicadas à execução deste tipo de serviço, completamente diferentes das atuais em quase todos os aspectos [...]. (THOMÉ, 2001, p.12).

A era do conhecimento digital aperfeiçoou todas as áreas profissionais, desde a gestão da empresa até a fiscalização que hoje se torna possível através do simples cruzamento das informações em tempo real. Desta maneira percebe-se que a essência do conhecimento está sofrendo modificações profundas, especialmente com a introdução do Sistema Público de Escrituração Digital (SPED), onde tudo é gerado e transmitido de maneira eletrônica e instantânea, sem qualquer defasagem de tempo, tudo *on-line*.

Todas as novidades introduzidas pelo mundo digital, certamente irão reduzir o trabalho mecânico, outrora realizado pelos contabilistas, uma vez que todas as movimentações são geradas de maneira automática. Diante do exposto percebe-se que o profissional da contabilidade terá que buscar seu espaço através da interpretação das informações necessárias a gestão empresarial, onde o produto ou serviço ofertado pelo contabilista é o conhecimento através da informação. O perfil do novo profissional exige muita habilidade de síntese, de comunicação, de inter relacionamento e especialmente de alto conhecimento científico sobre a questão do patrimônio.

5.2 Responsabilidade Social

Pensar em responsabilidade social remete a questões complexas e de difícil consenso. Tal dificuldade encontra-se ancorado em pontos de vistas, e, que muitas vezes tornam-se verdadeiros entraves ao avanço nesta área do conhecimento.

O que se busca é analisar a questão da responsabilidade social e a atuação do profissional de contabilidade. Queiroz dá a tônica da reflexão dizendo que “sendo a contabilidade uma enorme fonte de registro, interpretação e informação de dados empresariais e governamentais, deve também passar a preocupar-se com o entorno a ser dirigido a toda sociedade”. (QUEIROZ, 2000, p. 81). Partindo do pressuposto que o objeto de estudo da contabilidade é o patrimônio individualizado e que deste, através de seu somatório, é possível chegar ao patrimonial de uma nação ou de um grupo social, tem-se a

primeira vertente de questionamento: todo patrimônio precisa ser gerado com respeito ao meio sócio-ambiental.

A busca pelo equilíbrio entre as partes que compõem o sistema empresa é o grande desafio no sentido de garantir a sustentabilidade do todo como mecanismo vivo e dinâmico. Bonelli ensina que: “o desenvolvimento sustentável atribui uma responsabilidade social, tanto a indivíduos, quanto a entidades, para com o meio onde estão inseridos”. (BONELLI, 2002, p. 01).

A questão social e ambiental é tão séria que para Raupp (2002, p. 53) “a formação de uma consciência ecológica poderá permitir ao homem a sua continuidade no planeta”. Situar a ação do contabilista neste território não é tarefa fácil. Kroetz relata algumas das responsabilidades:

[...] sua ação ativa não se restringirá à simples contabilização das contingências sócio-ambientais ocorridas, pois se tratam de fatos consumados. Terá, também, que entender e explicar as mutações patrimoniais e elaborar demonstrações que reflitam a realidade do impacto ambiental e social [...] Auxiliando, dessa forma, no processo de continuidade ambiental por meio do desenvolvimento sustentável e promovendo a anulação das necessidades da sociedade, que exigem o conhecimento das políticas administrativas adotadas. (KROETZ, 2000, p. 75).

Toda vez em que um patrimônio é obtido através do sacrifício de outros bens sociais ou ambientais provoca-se um desequilíbrio dentro da sociedade. Assim postula-se que o contabilista também possui relação direta pela análise patrimonial sob o ângulo da sociedade. Para Ribeiro (2005, p.12) “nos dias atuais, independente da obrigatoriedade por questão de responsabilidade social, [...] precisa incluir entre suas metas a ‘satisfação da sociedade’”.

O contabilista está inserido em um meio, influenciando e sendo influenciado por este. Assim, cabe ao profissional ter a real noção da extensão desta influência, para em seguida, situar-se coerentemente diante da realidade social em que se encontra imerso. Nesta interrelação de mão dupla a própria influência exógena acaba por impor determinadas linhas de ação, como elucida Riahi-Belkaoui (1999, p. 37):

se os mercados estão altamente competitivos e os respectivos consumidores, bem como os procedimentos adotados, estão tentando, alcançar, racionalmente, o nível máximo de satisfação, então, os recursos disponíveis serão alocados de forma que maximize o bem estar social.

Conhecer a realidade é o primeiro passo à realização de maneira ponderada e coerente o exercício da profissão. Segundo Jochem (2009, p. 21):

o profissional da contabilidade possui a tarefa de transformar, através da Ciência Contábil, a realidade patrimonial, de tal forma, a contribuir com a promoção da justiça social, da paz e do combate às desigualdades criadas pelo próprio ser humano.

Desta maneira, alguns requisitos são importantes à formação e posição ética e profissional do Contabilista: conhecer aos aspectos da infra e da superestrutura que compõem uma sociedade. Nesta dicotomia percebe-se o contexto onde se encontra o contabilista no exercício de sua profissão. Nasce aqui a responsabilidade social como profissional e também como cidadão.

A Contabilidade, como ciência social, com profunda fundamentação epistemológica, impõe ao contador [...] a responsabilidade social, como cidadão gerador e distribuidor de empregos, riquezas, educação (HOOG, 2006, p. 18).

Uma sociedade possui duas camadas distintas quanto ao aspecto social: a infra e a superestrutura. A base material é a chamada infra-estrutura. Já as idéias, as ideologias, o conhecimento formam a superestrutura. O Contabilista precisa ter condições de relacionar as duas partes que formam o sistema social. Assim será possível uma análise holística e crítica livre de tendências, objetivando o que preconiza Jochem (2009, p. 47) “a Contabilidade precisa estar preocupada em tornar-se promotora do equilíbrio social e patrimonial”. Sá (2007, p. 96) chama atenção para os cuidados necessários para não tornar a ação profissional tendenciosa:

sob a capa de ‘interesse coletivo’, ‘vontade divina’, ‘proteção aos pobres’, ‘justiça social’ e outros bordões, têm os cobiçosos confiscado e invadido propriedades, roubado e promovido ‘revoluções’ que, na prática, se transformaram em ditaduras de direita e de esquerda.

Aqui se encontra a principal dificuldade do profissional contábil, pois é necessário vencer as barreiras ideológicas criadas pelos meios de comunicação social, pela própria educação sistematizada, pela convivência social de modo geral, destacando-se especialmente as relações políticas-religiosas e outras que direta ou indiretamente são formadoras de opinião dentro do convívio em sociedade. Desta maneira é possível afirmar que “o ideal sempre será a preferência por um critério de entendimento integral, pois este permite visão de amplitude”. (SÁ, 2008, p. 20). Assim diante disso tudo se percebe que “a Contabilidade, possui responsabilidade pelos sucessos e fracassos da sociedade e de seu povo em geral”. (JOCHER, 2009, p. 55).

A abrangência do horizonte de análise da Contabilidade e assim descrita:

A Contabilidade como ciência é tão ampla que advogamos ser possível alcançar o bem-estar comunitário global, [...]. O conhecimento científico, portanto, ciência pura, livre das impurezas da política contábil atual, deve identificar, de forma holística, o rumo da prosperidade material e, conseqüentemente, o bem-estar social comunitário (HOOG, 2006, p. 26).

O próprio Código de Ética Profissional do Contabilista está preocupado com a amplitude da análise do profissional e recomenda determinados cuidados afirmando que o Contabilista precisa “inteirar-se de todas as circunstâncias, antes de emitir opinião sobre qualquer caso” (CFC, Resolução 803/96, Cap. I, Art. 2, V.). A ética profissional remete a

solidariedade, que para Sá (2007, p. 153) “é uma forma de colaboração que, aperfeiçoada, pode chegar a resultados relevantes e que, sendo comum nas sociedades, não deixa de ser valiosa como essência”.

Ultrapassar as barreiras ideológicas é uma tarefa nada fácil, mas é preciso ter consciência que sem isso, o Contabilista, não reunirá as condições necessárias ao desempenho pleno de suas funções.

Como o contabilista trabalha com informações patrimoniais é sempre importante lembrar que “o poder da informação manipula hoje cada vez mais ampla e velozmente as consciências, fazendo até que possa ser recebido como natural o que, por essência, é anormal”. (SÁ, 2007, p. 160). Ainda quanto à questão do conhecimento científico propriamente dito lembrar que:

Não há conhecimento científico desinteressado [...] A superação ideológica não é uma questão meramente pessoal; ela compreende fundamentalmente a relação teórico-prática de caráter social [...]. Sob proposições aparentemente científicas, com pretensões objetivas e universais, escondem-se diretivas que representam inconfessáveis interesses parciais. (ALVES, 1999, p. 42).

O surgimento da responsabilidade social encontra-se sedimentada na busca do equilíbrio harmônico entre todas as partes que formam o todo social. Tal responsabilidade passa por áreas como o meio ambiente, respeito à vida e ainda em especial o respeito por todas as partes envolvidas, buscando a melhoria contínua dos indicadores de aferição de tal ação.

Cabe ao contabilista assumir papel ativo na promoção da responsabilidade social tanto pela postura crítica frente à realidade que o cerca, como por suas atividades específicas como o Balanço Social bem elaborado a Demonstração de Valor Agregado ou Adicionado e outras peças contábeis auxiliares. Desta maneira torna-se possível ilustrar com toda clareza o compromisso de uma entidade com a sociedade de maneira geral.

Podemos ter um balanço patrimonial que apresente elevados resultados, mas que comparado com o balanço social demonstre atitudes negativas por parte da empresa, as quais mascaram o lucro auferido, ou seja, pode uma indústria ter lucro contábil, mas a forma de geração do resultado é altamente prejudicial ao meio ambiente. (KROETZ, 2000, p. 136).

Existem situações quotidianas bem simples onde o contabilista pode contribuir à edificação da responsabilidade social, especialmente quando este se encontra atento aos cuidados que a entidade dispensa no trato com o entorno: meio ambiente e a sociedade de modo geral. Na atualidade, a humanidade caminha a passos largos, a formação de uma consciência crítica, onde as empresas que não forem socialmente responsáveis não terão seus produtos ou serviços aceitos pela comunidade.

A responsabilidade social exige do Contabilista sensibilidade diante das contradições encontradas no seio da sociedade. Para Tinoco (2001, p. 116) “A responsabilidade social

pressupõe o reconhecimento da comunidade e da sociedade como partes interessadas da organização, com necessidades que precisam ser atendidas [...]”.

Com o objetivo de alcançar a responsabilidade social, o Contabilista, precisa engajar-se, ir além dos conhecimentos específicos ligados à área contábil e buscar respaldo na área social, valendo-se das outras ciências particulares como a Sociologia, a Economia, a Administração e da Filosofia. Para Hoog (2006, p. 26) é necessário uma abordagem ampla, chamada por ele de holística. “O conhecimento científico, [...] deve identificar, de forma holística, o rumo da prosperidade material e, conseqüentemente, o bem-estar social comunitário”. Assim terá condições de visualizar a sociedade de forma ampla, análise esta hoje fortemente presente em algumas doutrinas contábeis. Uma análise ampla a abrangente:

não significa que o Contador esteja a invadir territórios profissionais alheios e nem que se tenha tornado especialista em outras ciências, mas, sim, que necessita conhecer como estas se estruturam e como os fenômenos que as mesmas estudam influem sobre aqueles, patrimoniais. (SÁ, 2008, p. 20).

5.4 O Contabilista e a visão de empresa como um sistema

Para facilitar a compreensão do objeto de estudo é importante destacar como a empresa necessita ser vista. Trata-se de uma organização sedimentada dentro da sociedade, onde procura suprir uma série de necessidades existentes e que um ser humano individualmente não teria condições de atender. Para atingir os objetivos propostos pela organização são necessários recursos materiais, humanos, tecnológicos, financeiros que servirão de meios para realização do processo para criação de produtos e serviços.

A partida para visualização da empresa como um processo em constante construção remete ao ponto cerne que envolve a diretriz principal da reflexão desenvolvida aqui: as multi relações empresa e meio. Trata-se de uma dinâmica de mão dupla, onde ao mesmo tempo em que empresa interfere nas relações sociais, estas também são consideradas fatores modificadores do processo de gestão da entidade.

A razão de existir de uma empresa precisa estar alicerçada sobre aspectos ligados ao entorno. As influências exógenas também necessitam estarem presentes no planejamento estratégico da organização. Deixar de fora dos objetivos empresariais as variáveis externas seria como desprezar que esta realidade existe. Assim a empresa passaria a figurar como uma ilha dentro de uma realidade, muitas vezes diferente daquela inicialmente criada pelos gestores.

A harmonia presente na relação empresa e meio é fator preponderante para o sucesso e vida longa de todas as partes que formam o complexo sistema empresarial. A comunidade necessita receber da entidade ali estabelecida não somente determinados

produtos ou serviços. Esta precisa criar uma relação de confiança onde o compromisso recíproco seja a tônica desta relação. Não basta gerar empregos e renda é preciso avaliar como estes são galgados e mantidos. Quais os custos ambientais, humanos, sociais para realização da atividade fim de uma organização. De nada adiantaria, se uma empresa, para conseguir os seus objetivos financeiros projetados pelos seus acionistas fosse necessário causar um desequilíbrio natural em uma comunidade.

A empresa como apresentada anteriormente denota uma enorme relação como o meio onde ela está inserida. Tal situação postula pela unicidade de cada entidade, talvez conduzindo a uma primeira visão de que não existem duas empresas iguais, mesmo sendo assim projetadas pelos seus idealizadores. Cada uma teria características distintas causada pela dinâmica da relação com o meio e também pela relação interna presente nas peculiaridades de cada ser humano.

Diante do apresentado é coerente afirmar que a complexidade de entendimento de uma organização reside em suas próprias relações internas e externas. A sedimentação e formatação do processo sistemático de uma organização se dão neste campo da luta de interesses causada por fatores exógenos e endógenos.

O complexo denominado de empresa encontra-se inserido em um contexto de múltiplas relações, onde para Catelli (2007, p. 38) “a empresa caracteriza-se como um sistema aberto e essencialmente dinâmico”. Para Sá (2008, p. 102) “a empresa recebe passivamente a pressão do mundo exterior, tanto a positiva quanto a negativa”.

O CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC) elenca os principais usuários e interessados nas informações contábeis. Estes usuários participam de forma direta ou indireta no processo empresarial: “entre os usuários das demonstrações contábeis incluem-se investidores atuais e potenciais, empregados, credores por empréstimos, fornecedores e outros credores comerciais, clientes, governos e suas agências e o público”. (CFC, Resolução 1.121/08).

6. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho encontra-se sedimentado dentro dos procedimentos metodológicos da revisão bibliográfica dos principais autores brasileiros e alguns estrangeiros, os quais abordam a temática em questão. Assim, pode-se afirmar, segundo Silva e Menezes (2000) e Gil (1999), que este estudo é teórico no aspecto de sua natureza, porém quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa descritiva. Ainda quanto o ponto de vista dos métodos e procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica, com fundamentação epistemológica sedimentada na linha da Fenomenologia, buscando fazer prevalecer à essência sobre a forma.

7 UMA ABORDAGEM CRÍTICA DO CONTABILISTA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL NA ERA DIGITAL

7.1 Aspectos Históricos

7.1.1 O Contabilista e a preservação do *homo sapiens*

A origem da Contabilidade reponta a cerca de vinte mil anos. Para Sá (1997, p. 20) “Admite-se, pois, que há cerca de 20.000 anos, o homem já registrava os fatos da riqueza em contas, de forma primitiva”. Assim é coerente afirmar que a gênese da Contabilidade se encontra ligada ao surgimento do próprio *homo sapiens*.

Os primeiros registros contábeis foram realizados de forma muito rudimentar através de gravações em rochas ou ossos de animais. Este processo simplificado de contabilidade se dava utilizando-se da escrita da época. Para Arruda (2001, p. 81) “a escrita dos mesopotâmios baseava-se em caracteres cuneiformes; esses gravados em placas de barro com um estilete”.

De maneira simples, ainda sem a abstração do conhecimento, mas de forma direta percebe-se que o contabilista tem a função de registrar e controlar os alimentos que serão de fundamental importância à preservação da espécie humana. Este processo era realizado “em pequenas placas, de argila crua, foi iniciado o processo de escrituração contábil, por meio da conta antiga”. (SÁ, 2006, p. 40). Lembrando que neste período as civilizações antigas ainda existia a moeda.

Com o passar o tempo, cerca de quatro mil anos antes de Cristo são encontrados registros que denotam certa abstração em relação ao controle da riqueza, fato este encontrado na região da Suméria especialmente junto à civilização da Mesopotâmia.

É difícil datar com precisão a origem da contabilidade, porém uma coisa se tem convicção: ela nasce com o próprio homem. Para Ludícibus (2004, p. 34) “é possível localizar os primeiros exemplos completos de Contabilidade, seguramente no segundo milênio antes de Cristo, na civilização da Suméria e da Babilônia (hoje Iraque), no Egito e na China”. Sem esta poderosa ferramenta presente no dia-a-dia dos povos antigos talvez não existiriam as gerações atuais, assim postula-se pela enorme importância desta técnica de controle dos bens, especialmente dos de manutenção da própria vida.

A análise da contabilidade neste período precisa ser realizada dentro do contexto das suas múltiplas relações. Desta maneira, logo, percebe-se que ela encontra-se ligada à economia de subsistência, evitando que os povos da época parecessem em épocas de crise. Esta situação fica explicitada nas palavras de Arruda (2001, p. 75) “a base da economia

mesopotâmia era a agricultura”. Os controles visavam especialmente projetar e dar garantias aos governantes que os estoques de comida supriam as necessidades por um determinado período de tempo.

Ainda no período da Antiguidade percebe-se que de maneira gradativa alguns povos conseguem um destaque maior em relação a outros, isso também graças ao uso de instrumentos de controles, aqui especialmente da contabilidade. Os Egípcios marcam época por possuírem formas bem complexas de contabilidade, especialmente na área pública. “Os registros contábeis dos egípcios eram bem prolixos e complexos, mais voltados para os inventários e controles dos bens [...] voltada principalmente para o apoio da administração pública”. (SILVA e MARTINS, 2006, p. 24). Trata-se de uma percepção humana bem lógica e racional, onde juntos os homens percebiam que eram mais fortes que isoladamente.

O contabilista Babilônio além de registrar e controlar as riquezas coletivas recebeu influência por parte do próprio Direito, que era destaque naquele povo. Assim que constatada alguma irregularidade provocada pelo próprio contabilista ou por qualquer outro homem, existiam as punições previstas nas leis da época.

A sociedade grega atrela o trabalho realizado pelo contabilista a um segundo plano. Para Silva e Martins (2006, p. 29) “os gregos preferiam os escravos preparados para estes misteres porque através de torturas, facilmente, as contas eram prestadas corretamente”. Isso é compreensível por se tratar de uma técnica que não exigia a princípio muito conhecimento, e ainda, este povo procurava dar destaque à área política, especialmente à filosofia. “São inegáveis as contribuições dos gregos no plano da filosofia, da ciência, das artes e da política [...] no plano econômico, os reflexos da visão de mundo escravocrata retardam o desenvolvimento da técnica”. (CARMO, 1992, p. 19). Desta forma percebe-se que a contabilidade e a filosofia nascem andando na contra-mão: uma quase não se relaciona com a outra, criando uma espécie de barreira entre elas.

Ainda quanto à ação do contabilista na antiguidade é mister lembrar que este se encontra lado a lado com a riqueza da época, especialmente os alimentos necessários à subsistência da espécie, onde o profissional em análise torna-se figura decisiva na preservação da espécie humana.

7.1.2. O Contabilista e a manutenção da fé

Historicamente com o início da era cristã, de maneira lenta e gradativa, percebe-se uma nova formação social. Por volta do Séc. IV d.C. eclodia uma verdadeira revolução na formação social, tanto em nível de infra quanto de superestrutura.

A nova sociedade sedimentada sobre o poder da Igreja fazia a transição do período antigo para o período medieval. Importante destacar que alguns conceitos novos são

introduzidos na mentalidade da época, o que de maior relevância à contabilidade está ligada ao conceito de riqueza. O patrimônio ganha aspecto coletivo, como relatam Silva e Martins (2006, p. 40) “o antigo patrimônio da Igreja, a partir da organização dada pelo seu primeiro Papa, em Roma, era denominado ‘Patrimônio de Cristo’ [...] os frades, o clero em geral, eram os encarregados das escriturações”. Aqui a riqueza está ligada à quantidade de terras que uma determinada pessoa possuía. A contabilidade e o contabilista neste período precisam ser analisados e entendidos no contexto de controle da riqueza. Os complexos controles anteriormente aplicados em relação à subsistência, agora se voltam a registrar as terras e os que a cultivavam: especialmente os escravos. Embora alguns historiadores dêem pouco destaque a questão da mão-de-obra escrava neste período, o que de fato percebe-se que ela existia sim e que contribuía de forma direta a conquista e manutenção do maior bem: a terra.

O poder da Igreja somente conseguiu tamanho lastro em função do enorme acúmulo de terras. Tal realidade torna o contabilista extremamente próximo da detentora do poder, especialmente para registrar e controlar os bens conquistados por esta.

O contabilista medieval possui suas atividades muito vinculadas à questão da manutenção do poder estabelecido. Tal viés de análise torna-se estampada nas palavras de Jochem (2009, p. 21) “a história da Contabilidade, que, a princípio, parece ser ingênua e inocente, [...] torna-se, de maneira gradativa, um instrumento a serviço de determinados grupos, a fim de garantir a dominação sobre outros”. As constantes invasões, guerras e disputas entre os diversos povos existentes, criaram um novo leque de aproximação e utilização dos serviços contábeis. Para Schimidt e Santos (2006, p. 26) “em razão do desenvolvimento econômico do Norte da Itália depois de 1100, causado pelo aumento da população e pelas oportunidades econômicas oferecidas pelas Cruzadas, foi propício ao surgimento do sistema contábil de partidas dobradas”. Esta *‘vida nova’* também é retratada por Iglesias (1987, p. 71) “o comércio, estagnado grande parte da Idade Média, começa a renascer com as Cruzadas”. Era preciso planejar e especialmente projetar e avaliar o custo de tais disputas. Dentro deste contexto nasce a contabilidade de custos, onde o contabilista através dos seus conhecimentos representava fator determinante em uma guerra. Assim é possível afirmar que mesmo antes da indústria utilizar como ferramenta gerencial à contabilidade de custos o próprio aparato militar fez uso deste.

Diante do exposto evidencia-se que o contabilista do período em análise encontra-se envolvido por uma ideologia formada por questões míticas, religiosas e culturais da época. Tal realidade deixa o profissional comprometido em manter a qualquer custo o poder e a própria estratificação social vigente. Esta prerrogativa fica evidenciada por Jochem (2009, p. 26) “a Contabilidade encontra-se dentro de um contexto sócio-cultural-econômico-político, que interfere sobre aquela e, ela, é capaz de interferir sobre esses macros aspectos”.

Lembrando que a sociedade dividida em castas sociais onde a mobilidade social praticamente inexistia. Assim conclui-se que o contabilista, fruto do meio onde se encontra inserido, torna-se instrumento de manipulação nas mãos dos donos do poder, especialmente a Igreja.

Durante todo o Período Medieval percebe-se que a Contabilidade quase que não vai além dos ditames legais estabelecidos pela própria Igreja. Trata-se de um instrumento de controle e acumulação de riqueza por parte da detentora do poder em claro detrimento da enorme população. (JOCHEM, 2009, p. 32).

7.1.3 O Contabilista e a expansão capitalista

O final da Idade Média, por volta do Século XII, um fato extraordinário acontece: surge a idéia da livre iniciativa e do individualismo. Trata-se do germe do capitalismo como organização social. Esta mudança, que se processa de forma lenta e gradual muda definitivamente o papel do contabilista na história. Para Crepaldi (2006, p. 19) “a Contabilidade expandiu sua utilização para instituições como a Igreja e o Estado e foi um importante instrumento de desenvolvimento do capitalismo”.

Até o aparecimento do comércio como é concebido na atualidade, o foco de estudo e trabalho do contabilista teve duas grandes fases distintas: na Antiguidade sua tarefa estava ligada ao registro e controle dos bens de subsistência, especialmente buscando ser um instrumento a perpetuação da espécie humana. No período seguinte, na Idade Média, entra em cena a questão da riqueza, porém esta vista como ligada a terra, onde o contabilista torna-se um *controller* das terras de determinada instituição: a Igreja. Agora com o surgimento de nova mentalidade, onde o teocentrismo dá lugar ao antropocentrismo, a fé dá espaço a razão, o contabilista torna-se o impulsionador do novo sistema. Segundo Ludícibus e Lopes (2004, p. 52) “[...] a Contabilidade é considerada como um meio de supressão e controle capitalista”. Diante do exposto percebe que “a contabilidade é um fenômeno de natureza histórica que evolui ao longo do tempo, e não um sistema rígido e imutável”. (MILLER e NAPIER, 1993, p. 7).

No período Moderno o profissional da contabilidade participa da transformação da técnica contábil em ciência da contabilidade. Grande avanço que culminou com as demais conquistas realizadas pelo próprio Renascimento.

Ganha espaço o contabilista que registra e controla o patrimônio das companhias, no início pequenas organizações, mas que por determinação legal, e, por necessidade da própria gestão, precisam manter escrituração contábil para atender ao fisco e também aos gestores, embora para os últimos ainda em menor proporção.

Neste período sedimenta-se definitivamente o objeto de estudo da Contabilidade: o patrimônio. Tal definição se dá pelo surgimento de inúmeras ciências particulares, entre elas

a sociologia e economia. Assim era necessário definir o campo de atuação de cada uma delas. Diante desta iniciativa o profissional da contabilidade ganha mais status social, pois passa a ser, além de indispensável na organização das empresas, um instrumento facilitador da gestão. Os controles tornam-se mais complexos e gradativamente descobre-se a grande importância da jovem ciência para a organização de manutenção das entidades que proliferavam mundo afora. Para Arruda (2001, p. 405) “a atividade comercial tornou-se cada vez mais complexa. Surgiram os mercados urbanos, as companhias mercantis [...]”.

O sistema capitalista baseado no acúmulo de capital, de imediato deixa seqüelas quase que irreparáveis, surgem as enormes desigualdades sociais, a exploração da mão-de-obra, crescimento das cidades, e outras inúmeras situações de desequilíbrio frutos das próprias contradições internas no macro sistema. Diante do cenário apresentado é possível afirmar, a luz da crítica pós-contemporânea, que o papel do contabilista, neste período, foi decisivo no sentido de viabilizar a rápida expansão do sistema capitalista, o que faltou a própria ciência contábil, foi buscar torná-la um instrumento também a manutenção do equilíbrio entre as várias partes envolvidas no processo. Tal deficiência somente será retomada, na prática, no final do período moderno e início do período contemporâneo, onde surgem correntes teóricas com foco crítico diante de tal situação. Iglesias faz uma reflexão bastante abrangente sobre o contexto da época:

A quebra do vínculo entre a Política e a Economia e a Ética, de que foram ideólogos, entre outros, Maquiavel (1469-1527) e Calvino (1509-1564); o crescimento de negócios econômicos e financeiros leva às novas formas de vida econômica, com o aumento da circulação monetária, dos bancos e operações financeiras. Apura-se a Contabilidade, pelas letras de câmbio e uso de números árabes, que levava já em 1494 o franciscano Luca Pacioli (1445-1514) aos seus Tratados, criando a escrituração mercantil, tão indispensável aos novos tempos, que culminaram com a ‘desmaterialização do capital’, assim chamada por François Perroux, pois à medida que o capitalismo se torna mais complexo percebe-se menos a moeda que a sua representação contábil. (IGLÉSIAS, 1987, p. 36).

7.1.4 O Contabilista e a era digital

A tradição e os costumes foram sendo alterados com o transcorrer dos tempos. As relações comerciais tornaram-se cada vez mais simplificadas em sua essência de realização. O que na Antiguidade levava vários dias para se realizar agora se realiza em questão de segundos.

A mudança sentida especialmente com a chegada do mundo digital através da Internet, provocou uma verdadeira revolução em todos os sentidos ligada à área comercial. O contabilista deparou-se diante de um grande desafio: adequar-se a nova realidade. Para Pacheco (2005, p. 18) ocorre a “transição de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento, ou mais atualmente, para uma sociedade da informação”. Esta passagem

sofrida pela sociedade como um todo, aqui especialmente visualizada pela Contabilidade, exige do contabilista, o exercício da profissão dentro do viés descrito por Kroetz (2003, p. 34):

A função social do conhecimento contábil é tão vasta que um dia haverá de ser assim reconhecida, entendendo que é através da Contabilidade que se conseguirá o bem-estar das nações, pelo emprego dos modelos de eficácia patrimonial capazes de indicarem caminhos para a prosperidade individual e social, sob uma ótica de respeito à vida de todos os seres.

O comércio outrora realizado de forma física, com a presença das partes envolvidas, agora é eletrônico. O que é possível perceber que mesmo sendo fruto de novas tecnologias o profissional da contabilidade tem seu espaço garantido neste contexto. Claro que de maneira distinta da outrora adotada, eliminando especialmente o serviço manual de registro, porém abrindo novos caminhos, a interpretação das informações necessárias à tomada de decisão. Sá (2008, p. 90) alerta para as principais características que precisam estar presentes nas informações prestadas pelo profissional da contabilidade: “a informação contábil, [...] precisa ser objetiva, amparada pela ciência da Contabilidade e não, de meras interpretações especulativas; [...] prevalência da essência sobre a forma”. Este novo cenário tornou-me mais exigente quanto à tarefa do contabilista, sendo que este, na maioria das vezes, apresentava deficiência para suprir o gestor com informações precisas e tempestivas. “[...] os gestores passaram a requerer da Contabilidade informações financeiras que os ajudassem nesse trabalho e para os quais os contadores não se encontravam preparados”. (FERREIRA, 2003, p. 60).

Hoje com a chegada da era digital é possível fazer tudo que antes era praticado, porém com um detalhe: tudo de forma rápida e precisa.

O principal desafio do contabilista da era digital é tornar-se arauto do conhecimento. Assim, declina-se pela idéia que é necessário o aperfeiçoamento constante. Esta necessidade torna-se evidente pela velocidade das mudanças como ensina Ribeiro (1998, p. 34) “a dinâmica e a complexidade da economia e da política mundial têm sofrido profundas mudanças alterações ao longo do tempo”. A tecnologia evolui de maneira surpreendente, obrigando de forma indireta que os contabilistas dediquem-se continuamente ao aperfeiçoamento, assunto em destaque pelo órgão máximo da categoria (CFC - Conselho Federal de Contabilidade) através dos programas de Educação Continuada. O destaque profissional está diretamente proporcional ao investimento em conhecimento, onde é preciso vencer novos obstáculos a cada dia, como em uma verdadeira busca sem fim, onde ao concluir um determinado processo gnóstico outro precisa ser iniciado, lembrando um movimento dialético, pois segundo Sá (2008, p. 21):

os conhecimentos adquiridos há poucos anos se modificaram em quase todas as suas áreas, em algumas até expressivamente (como a de

informática, para citar um só exemplo), exigindo expressiva reciclagem de estudos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer da pesquisa tornou-se evidente através da história da humanidade que o profissional da contabilidade possui tarefa ativa no desenrolar da história. Trata-se de um arauto de uma realidade existente, onde através da informação contábil, apresenta ao mundo externo e a entidade tudo que diz respeito ao patrimônio.

Gradativa e continuamente foi possível perceber que a informação contábil precisa estar alicerçada sobre o viés da responsabilidade social. Não basta apresentar um resultado, mas é necessário lembrar que existem usuários internos e externos interessados naquela informação. Desta forma, é preciso que se diga claramente como o patrimônio foi gerado e ainda como é a relação empresa e sociedade como um todo.

Nos tempos primitivos percebeu-se que o contabilista atuava como facilitador e garantidor da própria sobrevivência da espécie. Na Idade Média ele se encontra a serviço da fé, especialmente presente nas conquistas e manutenção do poder da Igreja. No Período Moderno marcado pela fundamentação científica, ele adquire status de cientista, porém deixa de lado a predominância pelos bens da Igreja, passando a dedicar-se com mais afinco aos interesses do Capitalismo em franca expansão. Já no Período Contemporâneo e Pós Contemporâneo depara-se com a era digital e principalmente pelo avanço da informática e da Internet.

Na era digital, novos desafios são apresentados ao profissional em questão, principalmente no que tange a responsabilidade social. Dia após dia percebe-se que a sociedade não admite mais informações contábeis fora do contexto onde elas foram geradas. Com a ajuda do Contabilista a comunidade terá condições de avaliar os meios empregados pela empresa na formação do patrimônio. A consciência crítica caminha a passos largos para conscientizar os consumidores a deixar de consumir produtos e serviços das entidades que não respeitam o meio ambiente e a sociedade.

Por fim é possível afirmar que o profissional da contabilidade é sujeito ativo diante da responsabilidade social e ambiental no complexo sistema empresa. Através da pesquisa ficou evidenciada que existe uma relação de mão dupla entre o contabilista e os interessados pelo resultado de seu trabalho, assim ao mesmo tempo em que ele interfere sobre igualmente influência, fato este que o torna solidariamente responsável pelo sucesso ou fracasso da organização como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alaor Caffé. **Estado e Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ARRUDA, José Jobson de. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Ática, 2001.
- BONELLI, Valério Vitor. **Contribuição ao estudo da Contabilidade Ambiental**: proposta de um modelo gerencial. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica) Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – FACESP da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, 2002.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **A Ideologia do Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- CATELLI, Armando (Coord.). **Controladoria**: uma abordagem da Gestão Econômica GECON. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Resolução 803/96**, Cap. I. Art. 2º, V.
- _____. NBC T 1, **Resolução CFC nº 1.121/08**.
- CREPALDI, Sílvio Aparecido. **Contabilidade Gerencial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- FERREIRA, Aracéli C. S. **Contabilidade ambiental**: uma informação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Atlas, 2003.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOOG, Wilson Alberto Zappa. **Tricotomia Contábil e Sociedades Empresárias**. Curitiba: Juruá, 2006.
- IANNI, Octávio. **Estado e Capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- IGLÉSIAS, Francisco. **A Revolução Industrial**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- _____. **Teoria da Contabilidade**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- IUDÍCIBUS, Sergio de; LOPES, Aleksandro Broedel. **Teoria Avançada da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2004.
- IBOPE/NetRatings. **Internet no Brasil**: Estatística. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.teleco.com.br/internet.asp>>. Acessado em: 29 Jul 2009.
- JOCHEM, Laudelino. **Contabilidade**: uma visão crítica da evolução histórica. Curitiba: Juruá, 2009.
- KROETZ, César Eduardo (Org.). **A Contabilidade sob o Enfoque Neopatrimonialista**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- _____. **Balço Social**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.
- LOPES, Aleksandro Broedel; MARTINS, Elizeu. **Teoria da Contabilidade**: Uma nova Abordagem. São Paulo: Atlas, 2005.

MILLER, P.; NAPIER, C. **Genealogies of calculation**. Accounting, Organizations and Society, v. 18, n. 7/8, 1993.

PACHECO, Vicente. **Mensuração e Divulgação do Capital Intelectual nas Demonstrações Contábeis**: teoria e empiria. Curitiba: CRCPR, 2005.

QUEIROZ, Regiane L. Silveira; QUEIROZ, Eliseu Silveira. A contabilidade como instrumento de gestão ambiental e empresarial, e sua contribuição à melhoria da qualidade de vida planetária. **Revista Pensar Contábil do Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, ano III, n. 09, agosto / outubro de 2000.

RIAHI-BELKAOUI, Ahamed. **Corporate social awareness and financial outcomes**. Connecticut: Quorum Books, 1999.

RIBEIRO, Maisa de Souza. **Custeio das Atividades de Natureza Ambiental**. São Paulo: Tese (Doutorado) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Contabilidade Ambiental**. São Paulo: Saraiva, 2005.

RIGHES, Antônio Carlos Minucci (Org.). **Manual de Normas Técnicas**: Estilo e estrutura para trabalhos acadêmicos. 2. ed. União da Vitória: Print In Brazil, 2007.

SÁ, Antônio Lopes de. **Fundamentos de Contabilidade Geral**. Curitiba: Juruá, 2008.

_____. **História Geral e das Doutrinas da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1997.

_____. **A Evolução da Contabilidade**. São Paulo: Thomson IOB, 2006.

_____. **Teoria da Contabilidade**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Ética e valores humanos**. Curitiba: Juruá, 2007.

_____. **Consultoria e Análise Contábil**. Curitiba: Juruá, 2008.

SCHIMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos Santos. **História do Pensamento Contábil**. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro; MARTINS, Wilson Thomé Sardinha. **História do Pensamento Contábil**. Curitiba: Juruá, 2006.

SILVA, Edna L.; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.

THOMÉ, Irineu. **Empresas de Serviços Contábeis**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Atlas, 2001.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio. **Balanco Social**: uma abordagem da transparência e da responsabilidade pública das organizações. São Paulo: Atlas, 2001.